

ACM se prepara para momento crucial de sua vida política

Senador não vai se humilhar, mas reconhecerá erros menores e pedirá senso de proporção na pena

Tereza Cruvinel e Jorge Bastos Moreno

• BRASÍLIA. Se nem os outros crêem no que lhe está acontecendo, que dirá Antonio Carlos Magalhães, o ousado, o invicto, o astuto que tirou doutorado na universidade da política? Recolhido ao silêncio, ele se prepara para o ato mais dramático de sua vida política: o depoimento que prestará amanhã ao Conselho de Ética do Senado.

Não se espere que persista negando o que hoje é inegável. Nem que produza uma cena de auto-humilhação, depois da qual não se chamaria ACM. Entre sóbrio e altivo, ACM contará a sua verdade. Ela coincidirá, às vezes, com a do senador José Roberto Arruda e a de Regina Borges. Outras, não. Dirá que viu a lista de votos, sim, mas que não a perdeu. E se suas declarações recentes forem revistas, é isso o que tem dito, com o cuidado de quem acabou de se perder pelas palavras.

A vida de ACM, pessoal e política, tem mudado com velocidade vertiginosa nos últimos três anos. Por sinal, desde a morte de Luis Eduardo. De poderoso amigo do rei, hoje é inimigo. De presidente do Senado a possível senador cassado. Mas foi anteontem, ao pé do avião, que ele sentiu pela primeira vez que o chão, este sólido chão do poder, começava a lhe faltar. Quem estava perto perce-

beu o efeito da fígada que o atingiu, quando soube que Arruda confessara que foram parceiros na violação do painel.

Em seu apartamento de senador comum, sem os confortos da casa de presidente do Senado, ACM tem meditado e ouvido poucos amigos desde anteontem. A eles conta o que já tem resolvido sobre o depoimento. Espera um crédito de confiança para o que vai dizer. Não pretende atacar ninguém, ao contrário do que se disse. Ainda que acrescente informações sobre o desempenho funcional de Regina, não pretende desqualificá-la. Até porque a manteve como diretora durante quatro anos. Da mesma forma, não tentará aniquilar Arruda, nunca pensou fazer dele um bode expiatório, como se disse. Pretende apenas distinguir a responsabilidade de cada um no episódio. Tem admitido que especularam juntos, como todos naquela Casa, sobre o voto que cada um daria na cassação de Luiz Estêvão. Ele estava em campo, pedindo votos pela cassação, que achava dever do Senado. Um dia Arruda entrou em sua sala, fez suspense e apresentou a lista de votos. Olhou-a, é verdade, mas nunca pediu que fosse produzida. É claro que vão lhe perguntar por que não tomou providências e será uma pergunta embaraçosa. Vão lhe pedir a lista e tentar provar que ele agra-

deceu, sim, a Regina num telefonema. Já não parece tão certo de que não fez isso. Talvez tenha feito, pensa alto. Não se agradece apenas a quem cumpriu uma ordem, mas também aos que tentam ser gentis. Certa vez ela contratou alguém pensando agradá-lo. Alguém ligado ao ex-assessor Galerani. Mandou que demitisse.

O ACM que se apresentará amanhã ao Senado pretende ser humilde sem perder a auto-estima. Altivo sem incorrer na arrogância e truculência que dizem ser traços seus. Em poucas horas, não pode ter mudado muito, mas certamente aprendeu que não se faz política com o fígado. Foi o fígado, inchado na cruzada contra Jader, que o levou aos procuradores. Este, seu maior erro. Mas não foi com o fígado, e sim por convicção, que começou a cruzada contra a corrupção. Continua achando que o país precisa ser passado a limpo nesta área. Magoou-o, por exemplo, ver o senador Ramez Tebet, presidente do Conselho de Ética, dizer que não sabe o que é mais grave, roubar ou violar o painel do Senado.

Deve dizer que espera para o erro a punição com senso de proporção. Apesar do clima de ontem, crê que o Senado não o cassará apenas para agradar às ruas, embora saiba que tornou-se uma ave de caça, símbolo dos grandes e poderosos.